



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8659 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DE DISCENTES HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Maria Eulina P. de Carvalho - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Andreia Carolina de Oliveira Serafim - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Mayanne Júlia Tomaz Freitas - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DE DISCENTES HOMENS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Resumo: O texto analisa as perspectivas de alunos do sexo masculino do curso de Pedagogia de uma IFES nordestina com relação ao seu futuro profissional e sua inserção no mercado de trabalho após a conclusão do curso. O instrumento de coleta de dados foi um questionário *online* proveniente de um projeto maior financiado pelo CNPq, aplicado a alunos e alunas. Considerando-se que o curso de Pedagogia é feminilizado e feminizado, e que atualmente prepara para o magistério da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, sendo os homens minoria no seu alunado, explora-se e problematiza-se a intersecção entre identidade de gênero e identidade profissional na perspectiva dos alunos.

Palavras-chave: identidade de gênero, identidade profissional, Pedagogia

Introdução

Este trabalho busca analisar as perspectivas de alunos (do sexo masculino) do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, com relação ao seu futuro profissional e sua inserção no mercado de trabalho após a conclusão do curso. Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário *online* proveniente do Plano de Trabalho do Projeto PIBIC “Representações sociais das identidades profissionais e

de gênero por estudantes de Pedagogia”, articulado a projeto financiado pela Chamada MCTIC/CNPq n. 28/2018 (REFERÊNCIA SUPRIMIDA PARA PRESERVAR O ANONIMATO). O recorte e foco de pesquisa neste texto refere-se ao curso de Pedagogia da UFPB e a seus estudantes homens.

O curso de Pedagogia é tradicionalmente feminino, feminilizado e feminizado conforme Yannoulas (2011). Isso significa que, ao concentrar uma grande maioria de estudantes mulheres, tende a desenvolver uma cultura marcada pelo gênero, no caso, feminino. Como aponta o Censo da Educação Superior de 2017, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, no Brasil o curso de Pedagogia ocupa a segunda posição no ranking dos 10 maiores cursos de graduação em número de matrículas, com um total de 714.345 matrículas, ficando atrás apenas do curso de Direito que possui um total de 879.234 matrículas. Das 714.345 matrículas do curso de Pedagogia, 660.917 são de mulheres e 53.428 são de homens, o que corresponde a apenas 7,5% de presença masculina (BRASIL, 2018b).

Na UFPB, campo deste estudo, de acordo com levantamento pioneiro de Peres (1977), na primeira turma do Curso de Pedagogia, que graduou em 1961, não havia nenhum homem – eram 8 mulheres. Ao longo do período do levantamento, 1961-1976, no total dos 12 homens (4%) que se graduaram em Pedagogia, 8 fizeram Administração Escolar, uma das habilitações então oferecidas. No último ano do levantamento, 1976, se graduou um homem para 53 mulheres. O crescimento da presença masculina no curso tem sido mínimo: em 2010, conforme Carvalho e Rabay (2013), quando as habilitações já haviam sido extintas, o total de homens graduados em Pedagogia atingiu 8%, 11 de 137 graduados. No ano seguinte, 2011, a matrícula geral no curso era de 193 homens (11,1%) e 543 mulheres (88,9%).

Considerando-se que o curso de Pedagogia atualmente prepara para o magistério da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, e que, tradicionalmente, cuidar de criança é serviço de mulher, indaga-se: Como as relações de gênero aparecem nas representações sociais de alunos e alunas sobre a Pedagogia? Como as representações sociais de gênero configuram as identidades profissionais no contexto formativo? A formação profissional vem problematizando e revertendo a reprodução de estereótipos profissionais e de gênero? A investigação dessas questões possibilita conhecer as representações sociais presentes nos espaços de formação de pedagogas/os, entendendo o curso superior como instância de aprendizagem técnica e de formação de identidade profissional. Supõe-se que as representações sociais de estudantes de Pedagogia apresentem marcas de gênero; que as representações sociais de gênero configurem as identidades profissionais já no contexto da formação; que a formação profissional reproduza estereótipos profissionais e de gênero; e que as representações sociais de gênero presentes na configuração das identidades profissionais de Pedagogas/os devam ser problematizadas. O foco nos alunos propicia um olhar problematizador num campo formativo em que eles são minoria e que, ao buscarem o curso, transgridem as representações de gênero tradicionais que afastam os homens das crianças.

Metodologia

O projeto maior prevê abordagem comparativa entre cursos e IFES, e aprofundamento das representações sociais de mulheres em Engenharia Civil e homens em Pedagogia, utilizando questionário e entrevista, como técnicas de coleta de dados. Neste recorte, analisam-se as respostas de alunos homens de Pedagogia da UFPB ao questionário on-line aplicado na primeira etapa do trabalho de campo, através da ferramenta *google forms*. O

questionário caracteriza o alunado do curso, enfocando a escolha e confirmação da escolha do curso, as percepções das relações de gênero, e as perspectivas profissionais, destacando as representações sociais de estudantes no início e no final do curso.

O questionário aplicado ao alunado de Pedagogia da UFPB, no mês de junho de 2020, obteve um total de 154 respostas, 86,4% mulheres, 13% homens e 0,6% não binário. Neste ano, o curso tem uma matrícula total ativa de 1024 alunos/as, sendo 857 mulheres (83,7%) e 167 homens (16,3%), portanto, os percentuais de respostas por sexo se aproximam e mostram um crescimento relativo em comparação aos números de 2011 (193 homens, correspondendo a 11,1%).

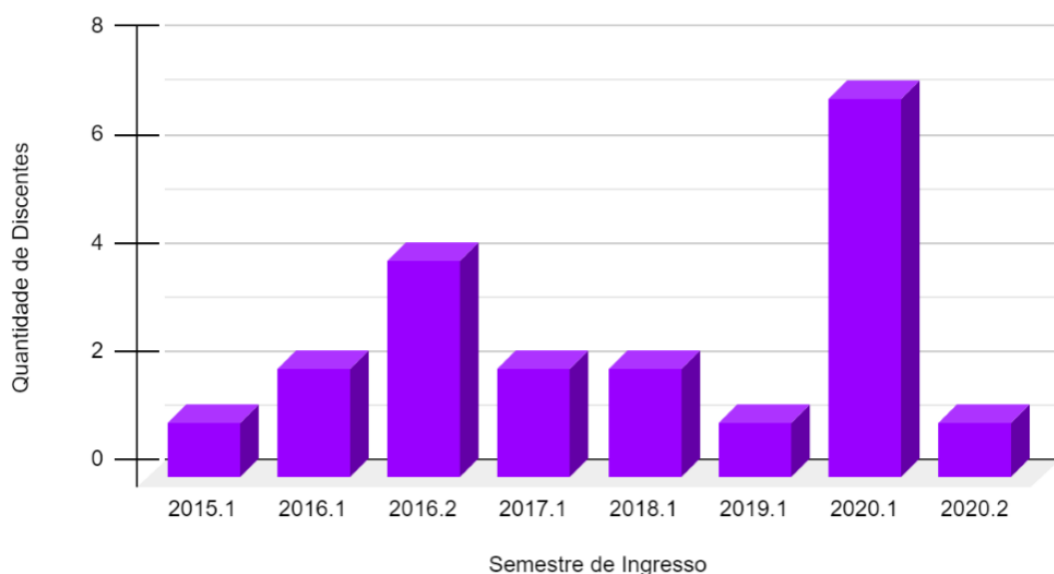
Como já dito, este trabalho visa analisar as respostas dos discentes homens que responderam ao questionário, totalizando 20, para verificar e refletir sobre suas perspectivas acerca do seu futuro profissional e sua inserção no mercado de trabalho após a conclusão do curso.

Resultados

O perfil dos 20 alunos respondentes é o seguinte: suas idades variam entre 18 e 60 anos; no que concerne à orientação sexual, 70% são heterossexuais, 25% são homossexuais e 5% são bissexuais; com relação à cor/raça/etnia, 45% são pardos, 40% são brancos e 15% são pretos. Metade deles afirmaram que já trabalham e suas ocupações declaradas foram: professor (2), açougueiro (1), servidor público municipal (1), comerciário (1), estagiário remunerado (1), inspetor de alunos (1), funcionário público (1), psicólogo (1) e prestador de serviços (1).

O período de ingresso no curso varia entre 2015.1 e 2020.2, com uma maior concentração no período 2020.1, correspondente a 35% dos questionários, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1: Semestre de ingresso dos discentes homens de Pedagogia



Assim, 8 dos 20 alunos que responderam o questionário correspondem a alunos ingressantes, pertencentes às turmas de 2020.1 e 2020.2; e 7 correspondem a alunos concluintes e pré-concluintes, pertencentes as turmas de 2015.1; 2016.1 e 2016.2, respectivamente. Ressalta-se que de acordo com 57,9% das respostas dos discentes, os homens enfrentam alguma barreira para prosseguir no curso. Os motivos se dão principalmente pelo “preconceito da sociedade” – um deles usou a expressão "sociedade julgadora" – que, por considerar Pedagogia um curso voltado para o público feminino, acaba reduzindo as chances de ingresso e permanência dos homens nesta área, como é possível perceber na resposta de um dos discentes:

Preconceito. Muitos acham que todos os homens que cursam Pedagogia são homossexuais. E nós sabemos como a masculinidade, de um homem hétero, é frágil. Além disso, o mercado de trabalho é extremamente sexista. Contratam apenas mulheres pois querem manter essa imagem materna nos primeiros anos de escola de uma criança.

A educação das crianças, em níveis de ensino inferiores, se constituiu como área de atuação feminina, na medida em que se consolidou como natural, no senso comum, a ideia de que a educação de crianças é coisa de mulher. Em vista disso, Saporoli (1997, p. 20) aponta que

A profissão de educador infantil não constitui um trabalho feminino porque aí encontramos um número maior de mulheres, mas porque exercem uma função de gênero feminino, vinculada à esfera da vida reprodutiva: “cuidar e educar crianças pequenas”.

Esse processo de feminilização e feminização do magistério (YANNOULAS, 2011), culturalmente arraigado em nossa sociedade e que dificulta a (re)inserção dos homens nesta profissão, especificamente quando se trata da educação infantil, é apontado por Ferreira e Carvalho (2006, p. 151) ao afirmarem que

(...) historicamente o magistério — função pública exercida inicialmente por homens, em época em que eles eram os únicos cidadãos letrados — se feminizou ao longo do século XX, com o deslocamento dos homens para o ensino de aprendizes de faixa etária mais elevada e de grau mais elevado, ou para cargos de gestão, com melhor remuneração e prestígio.

Contudo, os discentes que responderam o questionário compreendem a Pedagogia como espaço para ambos os sexos: 80% (16) deles discordaram totalmente da afirmação posta no questionário sobre a Pedagogia não ser um espaço para homens, apenas 10% (2)

concordaram totalmente e 10% (2) foram indiferentes. Posto isto, quando perguntados sobre os motivos de ingresso no curso, das 20 respostas, que possibilitavam mais de uma opção, 25% (5) apontaram “gosto por matéria escolar relacionada ao curso”; 25% (5) sofreram influência de algum(a) profissional da área; 40% (8) afirmaram ter entrado no curso por desejo/sonho pessoal; 40% (8) por terem uma visão positiva do mercado de trabalho, ou seja, pela facilidade de conseguir emprego; e apenas 1 (5%) afirmou ter tido influência familiar. Essas respostas indicam a predominância de motivações direcionadas ao ethos ou identidade profissional.

Sobre as perspectivas após a conclusão do curso, 55% (11) responderam que pretendem procurar imediatamente emprego na cidade, 25% (5) em outra cidade e 10% (2) em outro país; 10% (2) esperam ingressar num estágio/vaga de trainee; 55% (11) fazer uma especialização; 50% (10) seguir carreira acadêmica, isto é, fazer mestrado e doutorado; contudo, 25% (5) desejam fazer outro curso de graduação. Portanto, 18 pretendem imediatamente procurar emprego, inclusive fora da cidade; 11 pretendem prosseguir os estudos em nível de especialização e 10 em nível de mestrado e doutorado para seguir carreira acadêmica. Destaca-se que 5 desejam fazer outro curso de graduação, o que pode significar abandonar a Pedagogia após a graduação.

Já sobre os planos futuros, os discentes desejam se especializar na área da educação, seguir carreira acadêmica e destacam a vontade de passar em um concurso público, tal como é possível evidenciar na seguinte resposta:

Buscarei realizar concursos públicos, já que a cidade que estou só tem esse como um dos caminhos mais "produtivos" para uma estabilidade profissional/financeira e, também, buscarei continuar me capacitando através de uma especialização, uma outra graduação ou uma preparação para o mestrado, assim seguindo a carreira acadêmica, visando um futuro como professor universitário.

Tais considerações evidenciam que embora os discentes estejam interessados em continuar suas carreiras na área da educação, eles não expressam desejo de atuar como docentes nas etapas de ensino infantil e fundamental, que culturalmente foram naturalizadas como áreas de atuação feminina, o que contribui para a permanência do atual quadro docente. Quando se consideram os dados do Censo Escolar de 2017, vê-se que a distribuição da presença masculina aumenta quanto maior for o nível escolar: assim, na Educação Infantil os homens representam menos de 4% entre os/as docentes, e nos anos iniciais do ensino fundamental para cada 10 docentes apenas 1 é homem. É importante destacar que essas duas primeiras etapas de ensino são exclusivamente ocupadas por pedagogas/os. Já nos anos finais do ensino fundamental para cada 10 docentes 3 são homens, e no ensino médio a presença masculina é de 40,4 %, embora as mulheres ainda se sobressaiam (BRASIL, 2018a). Considerando, então, a educação superior os homens correspondem a 54% do corpo docente (BRASIL, 2019). Esses dados tendem a confirmar as perspectivas profissionais que os estudantes desta pesquisa indicaram.

Considerar tais perspectivas é interessante uma vez que nas sugestões dadas por eles para estimular o ingresso e permanência de mais homens na Pedagogia, as respostas fizeram referência à mudança cultural na direção de oportunidades idênticas para os dois sexos; à luta para a quebra das barreiras de gênero; à importância do homem no espaço educativo; à necessidade de mais debates junto à sociedade e trabalhos científicos voltados à

desconstrução da Pedagogia como um curso "feminino".

Conclusão

O texto abordou as perspectivas de alunos do sexo masculino do curso de Pedagogia da UFPB com relação ao seu futuro profissional e sua inserção no mercado de trabalho através de um questionário *online* respondido por 20 sujeitos. A análise apresentada evidenciou a intersecção entre identidade de gênero e identidade profissional uma vez que, por mais que os alunos expressem um discurso de desconstrução de preconceitos, de desejo de mudanças e de luta por espaços no meio educacional, eles se projetam se deslocando para níveis de ensino mais elevados e se distanciando da educação básica.

Com efeito, na prática, mesmo que a Educação seja um campo feminilizado, os homens ainda costumam ocupar os cargos de autoridade, prestígio e mais alta remuneração nesse campo: gestores escolares, secretários de educação, ministros, pesquisadores e professores universitários. São raros aqueles na condição de professores polivalentes nos anos iniciais do ensino fundamental, e ainda mais raros na educação infantil. Ou seja, apesar do tímido aumento da presença dos homens na Pedagogia, a realidade no mercado de trabalho parece seguir as mesmas perspectivas de gendramento profissional.

Referências

BRASIL. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Notas Estatísticas – Censo Escolar 2017**. Brasília, 2018a.

_____. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2017**. Brasília, 2018b.

_____. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2018**. Brasília, 2019.

REFERÊNCIA SUPRIMIDA PARA PRESERVAR O ANONIMATO. Projeto de Pesquisa, 2018.

CARVALHO, Maria Eulina P. de; RABAY, Glória. **Gênero e educação superior: apontamentos sobre o tema**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

FERREIRA, José Luiz; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Gênero, masculinidade e magistério: horizonte de pesquisa**. Olhar de professor, Ponta Grossa, n. 9, v. 1, p.143-157, 2006.

PERES, José Augusto de Souza. **Graduações na UFPB 1961/1976**. Um informe estatístico. João Pessoa: UFPB, CCSA, Núcleo de Pesquisas Educacionais, 1977.

SAPAROLLI, Eliana C. L. **Educador Infantil: uma ocupação de gênero feminino**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1997.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma

